

VAMOS FALAR DO INTERCÂMBIO NA TERRA INDÍGENA CAITITU



AGOSTO DE 2024

#SOMSAFLORESTA



Na 8ª edição do informativo #SomosaFloresta, apresentamos o intercâmbio que reuniu cinco projetos socioambientais atuantes nos biomas da Amazônia, Caatinga e Mata Atlântica. Essas iniciativas, patrocinadas pelo Programa Petrobras Socioambiental, encontraram-se na Terra Indígena Caititu, em Lábrea, Amazonas, para uma imersão conduzida pelos povos Apurinã e Paumari.

O encontro também permitiu uma aproximação com o trabalho do projeto Raízes do Purus, anfitrião do evento, que apoia a gestão territorial de seis terras indígenas no sul e sudoeste do Amazonas há mais de 10 anos. A programação incluiu debates sobre sociobiodiversidade, bioeconomia, manejo de pesca, além de visitas aos Sistemas Agroflorestais (SAFs) e outras práticas produtivas dos Apurinã. A maior parte dos alimentos consumidos no evento foi plantado e colhido pelo povo Apurinã em suas agroflorestas.

Os projetos *No Clima da Caatinga*, *Florestas de Valor*, *Viveiro Cidadão*, *Semeando Água* e *Raízes do Purus* compartilham nesta edição suas percepções sobre essa experiência única. Convidamos você a conhecer essa vivência através dos textos e fotografias. Boa leitura!

APRENDENDO COM OS POVOS APURINÃ E PAUMARI 2

por Raízes do Purus

SEMEANDO AGROFLORESTAS: REDES DE PESSOAS, DE RAÍZES E DE ALIMENTO 5

por Semeando Água

INTERCÂMBIO ENTRE BIOMAS: CONECTANDO A CAATINGA E A AMAZÔNIA 8

por No Clima da Caatinga

TÉCNICOS DE PROJETOS SOCIOAMBIENTAIS PATROCINADOS PELA PETROBRAS PARTICIPAM DE IMERSÃO NO TERRITÓRIO INDÍGENA CAITITU, NO AMAZONAS 11

por Viveiro Cidadão

PERCEPÇÃO DOS IMPACTOS E RESULTADOS DO INTERCÂMBIO PROMOVIDO PELO RAÍZES DO PURUS EM LÁBREA (AM) 13

Florestas de Valor

Patrocínio



APRENDENDO COM OS POVOS

APURINÃ E PAUMARI



“Precisamos estar com os ouvidos atentos para compreendermos como viver na Amazônia e mantê-la da forma como os povos indígenas fazem há pelo menos 8 mil anos”, sugere Felipe Rossoni, indigenista da Operação Amazônia Nativa (OPAN) e coordenador do projeto *Raízes do Purus*. A fala foi feita na abertura do intercâmbio que reuniu os povos indígenas Apurinã e Paumari, representantes de cinco projetos socioambientais patrocinados pelo Programa Petrobras Socioambiental e parte da equipe de responsabilidade social da Petrobras.

A Terra Indígena Caititu, do povo Apurinã, em Lábrea, Amazonas, foi a sede do evento, reunindo as experiências dos projetos *No Clima da Caatinga*, *Viveiro Cidadão*, *Semeando Água*, *Florestas de Valor* e *Raízes do Purus*, o anfitrião do intercâmbio. O encontro foi uma oportunidade de aprender com a experiência do *Raízes do Purus*, que vem apoiando os povos indígenas na gestão territorial de seis terras indígenas no sul e sudoeste do Amazonas há mais de 10 anos. A programação de cinco dias envolveu conversas sobre sociobiodiversidade, bioeconomia, manejo de pesca, além de visitas aos Sistemas Agroflorestais (SAFs) e demais sistemas produtivos do povo Apurinã.

“Os projetos buscam gerar transformações e legados no território, e quando nós estamos presentes no território a gente tem uma imagem vívida dessa transformação, dessa parceria entre os projetos e as comunidades, com a Petrobras sendo parte dessa engrenagem transformadora”, avalia Gregório Araújo, gerente de projetos ambientais na área de responsabilidade social da Petrobras.

Mulheres indígenas e a sociobiodiversidade



O trabalho com os SAFs, com os canteiros medicinais, o manejo do pirarucu, o artesanato e a organização social foram trazidos a partir do olhar das mulheres indígenas dos povos Apurinã e Paumari na primeira roda de conversa do intercâmbio.

A implementação dos sistemas agroflorestais na Terra Indígena Caititu, do povo Apurinã, começou em 2013, na primeira edição do projeto *Raízes do Purus*. Hoje já são 37 unidades de SAFs, distribuídas em 21 aldeias do território, somando uma área de 41,6 hectares que estão em plena produção de frutos, feijões, tubérculos e outros alimentos.

“É através do SAF que a gente consegue trazer a comida e a riqueza para a nossa mesa. O SAF fortaleceu o nosso conhecimento no plantio e também sobre como utilizar nossas plantas medicinais”, relatou Maria dos Anjos, indígena do povo Apurinã, conhecida como a ‘rainha dos SAFs’.

O povo Paumari do rio Tapauá realiza o manejo de pirarucu há mais de uma década e é referência para outros povos pela excelência na coordenação do trabalho e qualidade do pescado. Além de recuperar a população de pirarucu, gerar renda e fortalecer a gestão territorial, a atividade também proporcionou a ocupação de espaços pelas mulheres e remuneração igualitária entre os homens e mulheres.

“No início do manejo, os homens trabalhavam só e nós víamos eles chegarem cansados. Então começamos a participar e a partir daí a gente vem se fortalecendo cada vez mais. Começamos também a resgatar nossa cultura do artesanato”, lembrou Kamelice Paumari, coordenadora da coordenação temática do trabalho das mulheres da Associação Indígena do Povo das Águas (Aipa).



Culinária tradicional



Um dos pontos altos do intercâmbio foi a culinária tradicional oferecida pelas mulheres do povo Apurinã. A maior parte dos alimentos consumidos no evento foram plantados e colhidos pelo povo Apurinã em seus sistemas agroflorestais. Macaxeira, legumes diversos, cupuaçu, açaí, banana, jenipapo, coco babaçu, castanha, tapioca, feijão de praia e capim santo foram alguns dos ingredientes consumidos nas refeições.

“A macaxeira é a rainha, a gente não podia fazer nenhum tipo de celebração sem a macaxeira. Estamos comendo uma macaxeira que vamos ‘parir’ hoje, pois faz nove meses que ela foi plantada pela dona Tereza, uma das pessoas que plantou o que a gente está comendo hoje”, relatou, emocionada, Renata Peixe-boi, indígena do povo Mura e cozinheira responsável pela coordenação da cozinha durante o evento.

Conhecendo as agroflorestas e os sistemas produtivos do povo Apurinã

Como parte da programação, os participantes puderam conhecer a agrofloresta cultivada pelo povo Apurinã. A visita incluiu caminhada nos canteiros medicinais, nos sistemas agrofloretais, açazais e castanhais manejados pelo povo Apurinã.

“É uma cadeia extrativista que é importante para essas comunidades, mas também para a manutenção da floresta em pé, eles são os guardiões da floresta e isso beneficia todos nós. Enquanto temos a floresta em pé, bem conservada e bem manejada, a gente continua tendo a oferta de serviços ecossistêmicos”, reflete Daniel Fernandes, coordenador geral da Associação Caatinga, que participou do intercâmbio.

A programação incluiu ainda rodas de conversa sobre as cadeias produtivas do açaí e da castanha-da-amazônia, protagonizadas pelo povo Apurinã, e sobre o manejo pesqueiro, liderado pelo povo Paumari. O grupo visitou também o galpão de beneficiamento da castanha-da-amazônia da Associação dos Produtores Indígenas da Terra Indígena Caititu (APITC).



www.raizesdopurus.com.br

 [@raizesdopurus](https://www.instagram.com/raizesdopurus)

 [/raizesdopurus](https://www.facebook.com/raizesdopurus)

Projeto



Realização



SEMEANDO AGROFLORESTAS:

REDES DE PESSOAS, DE RAÍZES E DE ALIMENTO



No intercâmbio do Projeto *Raízes do Purus* pudemos observar que os principais desafios socioeconômicos para a conservação da biodiversidade possuem diversos pontos em comum em todos os biomas. A troca de experiências entre os projetos de floresta e clima patrocinados pela Petrobras, através do programa Petrobras Socioambiental, reforça que a integração entre floresta, clima e comunidades locais através da bioeconomia é estratégica para a redução dos impactos das Mudanças Climáticas.

Na Terra Indígena Caititu as cadeias produtivas da castanha, do açaí, do tucumã e do pirarucu fortalecem umas às outras, potencializando a resiliência destes Sistemas Produtivos Sustentáveis e das comunidades que os manejam. Apesar da diferença na composição das espécies devido a seus biomas, a implementação de Sistemas Agroflorestais (SAFs) que unem café, juçara e frutas nativas da Mata Atlântica pelo projeto *Semeando Água* também tem como objetivo a diversificação de produtos que possam fortalecer os produtores rurais da região do Sistema Cantareira.

Os SAFs são fonte de segurança e soberania alimentar para as comunidades, além de atuarem na captura de carbono e regeneração do solo, ações essenciais para a redução dos impactos das Mudanças Climáticas.

Paisagem multifuncionais que alinham a conservação da biodiversidade e o fornecimento de serviços ecossistêmicos com a geração de renda para as comunidades locais é uma das sinergias entre o Projeto Raízes do Purus e Semeando Água.



No projeto *Raízes do Purus* vimos a importância de valorizar os processos sociais, culturais e políticos de organização para a autonomia e luta por direitos. Vimos pessoas e comunidades trabalhando para a conservação da floresta e de seus modos de vida. O manejo das cadeias produtivas impulsiona processos de coesão social de grande importância para a gestão territorial. O fortalecimento de organizações comunitárias é essencial para o sucesso das ações de conservação. Nesse sentido, o manejo também pode ser apontado como uma estratégia sociopolítica, que traz visibilidade ao trabalho de integração entre aldeias, associações, cooperativas e outras organizações coletivas. Esta construção se dá através das relações de longo prazo entre instituições e população.

Uma das frases marcantes da troca de experiências foi a sabedoria compartilhada por Dona Maria dos Anjos, do povo Apurinã.

“A saúde do indígena é a gente ter fartura para comer”. A fala ressalta a relação entre saúde e alimentação protagonizada pelas mulheres, intimamente ligada a saúde do meio ambiente. As histórias compartilhadas pela organização das mulheres é um exemplo inspirador.



A Semeadora de Água Vivian Catenacci, recentemente eleita como presidente da AASA, disse em agradecimento a equipe do projeto *Semeando Água*:

“O trabalho de vocês nutre nossa coragem”. A frase resume a potencialidade de encontros como este intercâmbio. Que possamos conhecer muitas atuações que possam nutrir nossa coragem, respeitando a diversidade e conservando a biodiversidade.



<https://semeandoagua.ipe.org.br/>

 [@institutoipe](https://www.instagram.com/institutoipe)

 [/ipe.instituto.pesquisas.ecologicas](https://www.facebook.com/ipe.instituto.pesquisas.ecologicas)

Projeto



Realização



INTERCÂMBIO ENTRE BIOMAS:

CONECTANDO A CAATINGA E A AMAZÔNIA

EM PROL DA CONSERVAÇÃO E FORTALECIMENTO

DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS



Em meados de abril de 2024, como um presente das florestas em comemoração ao Dia Nacional da Caatinga, o projeto *No Clima da Caatinga* teve a honra de adentrar as terras indígenas da Amazônia brasileira. O projeto *Raízes do Purus* foi a pedra fundamental para conectar atores de mais quatro projetos da Carteira de Florestas do Programa Petrobras Socioambiental (PPSA), espalhados pelo Brasil, e promover a troca de conhecimentos e experiências realizadas nessas regiões, em prol da conservação da natureza e do fortalecimento dos povos das florestas.

Após percorrer horas pela Transamazônica e sucessivas navegações pelos igarapés e igapós do rio Purus, na cidade de Lábrea, foi possível chegar à Terra Indígena Caititu, do povo Apurinã, no sul do Amazonas. Durante todos os dias de interação, sentimos o zelo, cuidado e empenho da equipe organizadora do intercâmbio e das comunidades que nos acolheram com hospitalidade, alimento, ensinamentos partilhados, música, dança e caminhadas pelos açazeiros e castanhais visitados. O que se divide, multiplica, e os povos originários sabem disso, aplicando essa sabedoria em seu cotidiano.

Os projetos *Viveiro Cidadão*, *Florestas de Valor*, *Semeando Água*, *No Clima da Caatinga* e *Raízes do Purus* atuam de maneira coordenada, com um caráter socioambiental comum, buscando fortalecer as comunidades locais para que atuem como protagonistas na conservação e restauração dos biomas brasileiros.



© Adriano Gambarini/OPAN

Para o projeto *No Clima da Caatinga (NCC)*, foi enriquecedor conhecer o trabalho na implementação dos Sistemas Agroflorestais (SAFs), os desafios enfrentados e os impactos positivos nas comunidades visitadas. A intenção é replicar a agricultura de baixo carbono no contexto territorial do semiárido, abrangido pelo NCC. Além disso, a experiência do povo Paumari com o manejo sustentável do pirarucu permitiu traçar paralelos com a cadeia extrativista da carnaúba, que é tão importante para as comunidades caatingueiras. Fortalecer a sociobiodiversidade e a bioeconomia nos biomas brasileiros é um pilar estratégico para a conservação das florestas e o bem-estar das comunidades tradicionais, garantindo serviços ecossistêmicos gerados por essas áreas naturais, além de direitos básicos como a segurança hídrica e alimentar das populações.

A atuação integrada dos projetos possibilita a partilha de conhecimentos necessários para superar desafios e construir soluções que permeiem a incidência socioambiental das iniciativas, otimizando os esforços e potencializando o impacto dos investimentos. Após a experiência vivida durante o intercâmbio, os participantes saíram abastecidos de reflexões e novas ideias para aprimorar as práticas exercidas por cada iniciativa em seu contexto local.

O intercâmbio chegou ao fim, mas as conexões permanecem. Assim, seguiremos unidos em coração, intenção e ação pela nossa casa comum e pela conquista de mais direitos para o verdadeiro povo brasileiro, do sertanejo ao indígena, do mar ao sertão, do rio à mata, da Caatinga à Amazônia.



www.noclimadacaatinga.org.br

 [@noclimadacaatinga](https://www.instagram.com/noclimadacaatinga)

 [/noclimadacaatinga](https://www.facebook.com/noclimadacaatinga)

Projeto



Realização



TÉCNICOS DE PROJETOS SOCIOAMBIENTAIS

PATROCINADOS PELA PETROBRAS

PARTICIPAM DE IMERSÃO NO TERRITÓRIO

INDÍGENA CAITITU, NO AMAZONAS



Durante cinco dias, representantes das equipes técnicas do projeto *Viveiro Cidadão* e de outros quatro projetos patrocinados pela Petrobras participaram de uma imersão no território indígena Caititu, localizado em Lábrea, no sul do Amazonas. O objetivo foi conhecer de perto o trabalho desenvolvido há mais de 10 anos pelo projeto *Raízes do Purus* junto aos povos indígenas Apurinã e Paumari.

A programação incluiu rodas de diálogo que proporcionaram uma rica troca de saberes entre os comunitários e os representantes das diversas iniciativas presentes. Os temas abordados nas discussões incluíram sociobiodiversidade, bioeconomia e manejo sustentável, com destaque para as práticas dos Sistemas Agroflorestais (SAFs) do povo Apurinã e o manejo do pirarucu realizado pelo povo Paumari. Essas conversas foram complementadas por visitas *in loco*, onde os participantes puderam vivenciar as práticas produtivas e culturais das comunidades.

Sheila Noele, presidenta da Ecoporé e coordenadora de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) do projeto *Viveiro Cidadão*, destacou a importância do respeito às demandas e dinâmicas das comunidades demonstrado pelo projeto *Raízes do Purus*, realizado pela Operação Amazônia Nativa (OPAN).

Entre as práticas agroflorestais realizadas pelo povo Apurinã, Sheila aprendeu uma técnica inovadora durante uma visita à Aldeia Novo Paraíso, onde o senhor Marcelino Apurinã ensinou a produção de mudas diretamente no local de plantio. "Essa técnica eu já levei para os nossos agricultores em Rolim de Moura, mostrando que não é necessário um viveiro estruturado; produzir as mudas na roça facilita a logística", relatou Sheila.

O evento não apenas promoveu o intercâmbio de conhecimentos técnicos, mas também fortaleceu os laços culturais e sociais entre os participantes, demonstrando o impacto transformador de iniciativas que respeitam e valorizam as tradições e saberes das comunidades indígenas.



"Fiquei muito emocionada em muitas falas, porque isso é muito genuíno. A gente vê o resultado disso na fala dos indígenas, na fala dos parceiros. Eu vi aqui que esses resultados são frutos de muitos anos de tentativa e erro, de escuta, de paciência", afirmou Sheila.

www.viveirocidadao.org.br

 [@viveirocidadao](https://www.instagram.com/viveirocidadao)

 [/ecoporeviveirocidadao](https://www.facebook.com/ecoporeviveirocidadao)

Projeto



Realização



PERCEPÇÃO DOS IMPACTOS E RESULTADOS

DO INTERCÂMBIO PROMOVIDO PELO RAÍZES DO PURUS

EM LÁBREA (AM)



O intercâmbio promovido pelo *Raízes do Purus*, realizado em Lábrea (AM), proporcionou uma rica oportunidade de integração entre iniciativas parceiras apoiadas pelo Programa Petrobras Ambiental, do qual o Programa *Florestas de Valor* faz parte. Abaixo, apresentamos a visão sobre os impactos e resultados do evento, destacando o depoimento de Helene Menu, gerente do projeto *Florestas de Valor* do Imaflora.



Sobre o projeto Florestas de Valor

O projeto *Florestas de Valor* atua em duas regiões do estado do Pará: Oriximiná e seus arredores, e São Félix do Xingu. A missão do projeto é manter a floresta em pé por meio de estratégias adaptadas às realidades locais, incluindo o apoio à estruturação de negócios comunitários, a melhoria dos processos das cadeias produtivas por meio de sistemas agroecológicos e a restauração florestal. Essas práticas visam beneficiar tanto as pessoas quanto a natureza, demonstrando como a produção sustentável pode promover um equilíbrio entre desenvolvimento e conservação ambiental.

Outro aspecto importante do *Florestas de Valor* é o apoio a agricultores familiares para que participem do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Essa iniciativa fortalece a renda das famílias produtoras e, ao mesmo tempo, garante alimentos de qualidade para comunidades inteiras.

Percepção sobre o Intercâmbio

Helene Menu observa que, apesar das diferenças entre os focos dos projetos — o *Florestas de Valor* nas comunidades quilombolas e o *Raízes do Purus* nas comunidades indígenas —, há pontos de conexão significativos.

“Os trabalhos voltados para as comunidades tradicionais são um ponto de interseção. Embora enfrentemos desafios distintos, as experiências compartilhadas nos mostram que estamos no caminho certo. Ter a oportunidade de conhecer como outras organizações lidam com seus desafios é inspirador e enriquecedor”, comenta Helene.

Ela destaca a importância de aprender com as experiências alheias e como isso pode contribuir para aprimorar as próprias práticas.

“Ver como outras organizações enfrentam seus desafios nos permite encontrar novas soluções e adaptar essas abordagens às nossas ações. Por exemplo, no PNAE, já acumulamos uma boa experiência, e podemos compartilhar esse conhecimento com outros”, afirma.

Helene também recorda um momento particularmente tocante do intercâmbio. “O depoimento de uma mulher indígena que viu o projeto *Raízes do Purus* nascer quando era criança foi profundamente impactante. Para ela, a chegada do projeto representou uma transformação significativa. Esse relato me fez pensar nos jovens que estão conosco em São Félix do Xingu, que também estão em treinamento no *Florestas de Valor* e que se dedicam com orgulho. Isso reforça o quanto nossos projetos têm um impacto positivo tanto no território quanto nas comunidades locais”, reflete Helene.

O intercâmbio promovido pelo *Raízes do Purus* foi uma experiência valiosa para todos os envolvidos, destacando a importância da colaboração e da troca de conhecimentos entre iniciativas que, apesar das diferenças contextuais, compartilham objetivos comuns de desenvolvimento sustentável e fortalecimento comunitário.



© Adriano Gambarini/OPAN

www.imaflora.org.br

 [@florestasdevalor](https://www.instagram.com/florestasdevalor)

 [/imaflora](https://www.facebook.com/imaflora)

Projeto

Realização



ASSISTA AO MINI DOCUMENTÁRIO SOBRE O ENCONTRO, COM MAIS IMAGENS E DEPOIMENTOS QUE DÃO UMA DIMENSÃO DE COMO O INTERCÂMBIO FOI IMPORTANTE E PROVEITOSO PARA TODAS AS PESSOAS QUE PARTICIPARAM!

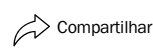
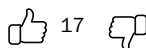


Intercâmbio Raízes do Purus na Terra Indígena Caititu



Raízes do Purus
275 inscritos

Inscriver-se



VEJA NO CANAL DO RAÍZES DO PURUS NO YOUTUBE



youtube.com/@raizesdopurus